A PAZ COMO DENÚNCIA DE INJUSTIÇAS NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO NO DOCUMENTO DE MEDELLÍN

Pedro Luiz Amorim Pereira[1]

A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano ocorrida em Medellín foi um evento que suplantou o ambiente eclesial da América Latina, indo muito além daquilo que poderia ser considerado uma reunião de religiosos para discutir os rumos da Igreja católica em seu continente. Cercada por um contexto delicado do ponto de vista social, político, econômico e religioso, a conferência de Medellín pode ser vista como um reflexo de mudanças de posicionamento da Igreja Católica em relação à própria sociedade, fruto do Concílio Vaticano II e de movimentos populares que antecederam e ganharam força com o próprio concílio.

A movimentação na Igreja pós Concílio trouxe uma série de releituras que surgiram na esteira das proposições dos documentos conciliares. Muito da produção do magistério de Paulo VI buscava ajudar a compreensão das mudanças propostas e até mesmo trazer novas luzes ao modo com o qual as decisões tomadas no Vaticano II deveriam fazer parte da caminhada eclesial. Na encíclica *Populorum Progressio,* temas como fome, trabalho precário, racismo, imigrantes, juventude, solidariedade e até mesmo os nacionalismos transpassam o documento que se mostra incrivelmente atual em 2018.

A atualidade de Medellín, tanto no seu conteúdo profético quanto na metodologia do discurso, mostra o quanto a presente conjuntura apela que os cristãos possam olhar para o modelo proposto e se inspirarem naquilo que foi um brado contra as injustiças impostas aos mais pobres do continente. Embora o número de países que compõem o CELAM seja grande, para que haja uma delimitação que aponte as realidades estudadas, optou-se por um olhar

[1] Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Programa de Estudos de Pós-Graduados em Teologia na Linha de Pesquisa de Teologia Pastoral. Membro integrante do Grupo de Pesquisa José Comblin (CNPQ).

para Paraguai, Argentina e Brasil, a situação de cada um à época da redação de Medellín e a força do discurso dos bispos para tais realidades.

Paraguai

No Paraguai, desde 1954, Alfredo Stroessner governava com mão pesada um país marcado por uma abissal desigualdade social. Sustentado por um "autogolpe", um elaborado culto à personalidade do ditador, sequentes eleições cercadas de suspeitas de fraudes, a sistemática eliminação de seus oponentes e capitaneando o principal partido no país, o governo ditatorial do General Stroessner era conhecido por sua crueldade revelada posteriormente pelos chamados Arquivos do Terror, encontrados em uma delegacia próxima de Assunção em 1992 (VERA, 2011, p. 406). Os Arquivos do Terror revelam, em pormenores, a violência da ditadura stronista, como os desaparecimentos e apropriações de crianças dos chamados subversivos que se opunham a Alfredo Stroessner (BARRETO, 2016, p. 152).

Argentina

Talvez Alfredo Stroessner tenha seguido a cartilha weberiana do *charismatische herrschaft*, mas o caso de líder carismático não é exclusividade e nem premissa paraguaia. Juan Domingo Perón, que governou a Argentina por três mandatos, encarnou o líder carismático e criou em âmbito argentino uma tradição política tão personalista que ela acabou sendo atribuída a seu nome: o peronismo. E foi nos imbróglios do combate ao peronismo que se instalou na Argentina mais um dos sucessivos golpes militares ocorridos no país durante o século. (BETHELL, 2002, p. 108). Desta feita, capitaneado pelo General Juan Organía, o golpe autodenominado de "revolução" procurava "deixar claro que planejava permanecer um longo tempo na presidência ao invés de um período de transição até que novas eleições pudessem ser conclamadas" (HEDGES, 2015, p. 280).

Brasil

Desde Getúlio Vargas, o Brasil jamais passara por um momento de longa estabilidade no âmbito do governo federal. Em 1961, eleito como uma versão brasileira da *charismatische herrschaft* weberiana, o demissionário Jânio da Silva Quadros chegou à presidência do Brasil com características que chamam a atenção:

> (...) o tom de sua campanha política era música para os ouvidos da UDN[2]: ataques à corrupção, à inflação, à alta do custo de vida, ao desperdício de dinheiro com as obras monumentais de Brasília, acompanhados de promessas de crescimento econômico, austeridade pública e contenção de gastos. Jânio jamais explicou de maneira convincente como iria superar os limites do governo de Kubitscheck ou atacar os problemas fundamentais do desenvolvimento brasileiro. Sua mensagem era antipolítica (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 275).

A renúncia de Jânio Quadros, no mesmo ano de sua posse, causou uma convulsão social sem precedentes. Ao virar-se para o espectro político à esquerda, João Goulart foi taxado de comunista e acusado de desejar minar a democracia. A resposta veio com o golpe militar e, em primeiro de abril de 1964, o Brasil acordava sob um regime que depusera João Goulart através de uma manobra orquestrada por militares e parte do congresso nacional. A ditadura militar brasileira tratou de coibir violentamente todos aqueles que poderiam se opor ao novo regime. Já em seus primeiros lances, Ernesto Geisel e Golbery Couto Silva participaram "(...) em 1964, de um aparelho repressivo incapaz de conviver com um regime constitucional. Geisel, colocado por Castello na chefia do Gabinete Militar da Presidência, estava no olho do furacão da usina de punições políticas instalada no amanhecer do regime" (GASPARI, 2002, p. 132).

O recorte dos três países pode servir de modelo daquilo que era a situação político-social que servia de cenário da 2ª Conferência do CELAM. Na visão de (COMBLIN, 2008), "Medellín foi pensada por um grupo de bispos que já estavam comprometidos com os pobres. O Concílio não entendeu o apelo do cardeal Lercaro e as orientações de João XXIII sobre a Igreja dos pobres". A preparação para Medellín tomou cerca de dois anos e, na

[2] União Democrática Nacional

Argentina, suscedendo o golpe de Organía, aconteceu uma das principais reuniões preparatórias nela; em meio à ditadura nascente, discutiu-se

> Sobre os problemas urgentes do subdesenvolvimento na América Latina (...) Nessa ocasião, mais do que os relatórios apresentados e discutidos nas reuniões plenárias, constribuíram ao crescimento da sensibilidade geral do Episcopado Latino-Americano sobre os problemas da situação de subdesenvolvimento e da pobreza estrutural do continente (...) (SCATENA, 2018, p. 73).

A já sabida repressão violenta dos regimes ditatoriais abafava os movimentos sociais com suas pautas e reinvidicações; no entanto, a Igreja Católica vinha se tornando uma voz pelos sem voz, exercendo, portanto, sua vocação profética.

O discurso de Paulo VI em 24 de agosto de 1968, na abertura da Segunda Assembleia do CELAM, conclamava os bispos a não deixarem de lado seu olhar pelas questões sociais e trazendo um importante relevo ao tópico da paz, um dos eixos principais de seu pontificado. O tema da paz acaba tomando uma grande parte na redação final das resoluções de Medellín; o segundo capítulo dedica-se todo ao tema e sua redação não serve tão somente a um clamor de paz, mas como denúncia de uma série de injustiças que impedem a vivência de uma paz verdadeira ao povo latino americano. Utilizando-se do mote proposto por Paulo VI, os bispos do CELAM formulam um texto que aponta para o binômio justiça e paz, trabalhado nos documentos conciliares e na *Populorum Progressio*.

O documento assume sua porção profética ao afirmar que o desejo dos bispos não é fazer um olhar geral sobre as situações sociais dos povos latino-americanos; de maneira certeira, assume que sua função é denunciar, chamar a atenção para aquilo que são fatores que ameaçam ou até mesmo negam possibilidades de uma vida em paz (PP2). Ao falar das marginalizações e seus diversos matizes, na abertura da seção sobre o Colonialismo Interno (PP2.1), o texto de Medellín lembra as questões socioeconômicas e das desigualdades excessivas entre classes sociais.

Em 1968, por exemplo, O Brasil viveu o início de um próspero momento econômico após um duro quadro recessivo implantado pelo governo de Castelo Branco no início da ditadura militar. Com um PIB chegando aos dois dígitos, o Brasil parecia viver seu milagre econômico em consonância com uma onda de crescimento que acontecia em boa

parte da economia mundial. (PRADO e EARP, 2007, p. 227). Ainda de acordo com PRADO e EARP, tal crescimento não foi fator de distribuição de renda, muito pelo contrário. O censo de 1970 demonstrara que a distribuição de renda havia piorado no país; em 1972, o Brasil foi alvo de críticas do Banco Mundial exatamente por essa deficiência. O clamor de Medellín encontrava eco na situação econômica dos mais pobres no Brasil.

Em território Argentino, a situação era estável do ponto de vista econômico, as taxas de desemprego eram baixas, um respiro diante de uma década de forte recessão. A situação paraguaia era de aparente bonança. Entretanto, de acordo com BETHELL (2002, p. 211), o bem-estar propagado por Stroessner era algo muito particular aos donos de grandes propriedades, aos investidores e os participantes dos altos cargos governamentais; a situação geral do povo era de erosão do nível de vida com aumentos salariais abaixo daquilo que era a reposição dos preços segundo a inflação. Os pobres sofriam as consequências das várias intervenções econômicas liberais na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, a situação socioeconômica tinha números aparentemente promissores, mas o cenário dos trabalhadores da cidade e do campo, que formavam a camada mais pobre da população, não era um retrato fiel da alardeada prosperidade econômica. As denominadas opressões de grupos pelos setores dominantes eram uma realidade perfeitamente verificável no cenário latino-americano.

Considerações finais

As situações sociais e políticas no continente, em especial nos países do Cone Sul, clamavam por uma voz que assumisse a voz dos empobrecidos, daqueles que viviam perseguidos e colocados à margem por se oporem aos regimes e sistemas que priorizavam as elites e o lucro indiscriminado. A forte influência da economia norte-americana e de modelos econômicos liberais traziam chagas profundas na vida dos mais simples, impossibilitados de participar da dinâmica de vida arregimentada em torno do capital e não da vida das pessoas. Os resultados alardeados como sucesso do sistema implementado pelos governos ditatoriais não eram verificados na dura vida do povo com o qual a Igreja se propunha a estar em contato direto e os números posteriores ao texto de Medellín

demonstraram o quanto o documento era, além de profético, fincado na árdua vida dos mais simples.

Ao assumir o papel de porta voz dos empobrecidos e oprimidos, a Igreja latino-americana tomou para si o direito de advogar pelos últimos da sociedade, retomando a *Populorum Progressio*. A produção teológica vinda de Medellín esteve intimamente ligada às resoluções das Igrejas locais, voltada para uma reflexão a partir do rosto dos pobres e que recordava em todas as suas produções a identificação do povo latino-americano e suas condições de vida, muitas vezes precárias, com a situação histórica do próprio Jesus Cristo.

Essa pesquisa foi feita na ocasião dos cinquenta anos de Medellín. Algumas realidades históricas de 1968 que pareciam distantes e meras lembranças parecem retornar meio século depois. No Paraguai, o filho do secretário particular de Alfredo Stroessner é o atual presidente do país. Mario Abdo Benítez coloca-se como um conservador e defensor de um stronismo sem a violência de Stroessner e promete manter uma política econômica que garantiu crescimento ininterrupto, mas que continua sem solucionar o fato de um terço de sua população estar na linha da pobreza, números compostos em sua maioria por indígenas.[3] Os números da pobreza Argentina não são diferentes: 27 em cada 100 cidadãos argentinos vivem na pobreza. Nunca saudosos de sua ditadura, os Argentinos apostaram em um capitalista liberal que em três anos não conseguiu estabilizar a economia. Mauricio Macri enfrenta pressões internas com greves espalhadas pelo país e dívidas assumidas com o Fundo Monetário Internacional.[4] O Brasil tem como seu novo presidente um militar reformado, que coleciona declarações preconceituosas e sectárias além de, em muitas ocasiões, colocar-se favorável à tortura. O novo presidente do Brasil tem como guru econômico um representante da Escola de Economia de Chicago, mostrando que o projeto de liberalismo econômico dos anos 1950 continua vivo em 2018.

E a Igreja Católica na América Latina? Mantém a mesma força de denúncia contra as injustiças que tinha em 1968? Os projetos assumidos estão voltados aos que continuam sofrendo diuturnamente com sistemas que trazem um rastro de pobreza consigo? A violência

[3] **Paraguai, o milagre silencioso e desigual.** Publicado em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/19/internacional/1524157022_025773.html (último acesso em 16 de novembro de 2018).

[4] **Mauricio Macri was supposed to be different.** Publicado em: https://foreignpolicy.com/2018/05/18/mauricio-macri-was-supposed-to-be-different/ (último acesso em 16 de novembro de 2018).

velada ou explícita imposta aos pobres é denunciada e combatida de maneira ferrenha? As denúncias contra o sistema marxista estão em pé de igualdade em relação às denúncias contra o capitalismo liberal? A produção teológica é questionadora quanto ao colonialismo, transformadora e libertadora de acordo com a identidade latino-americana?

A história parece repetir alguns aspectos na geopolítica latino-americana. É necessário que a Igreja possa recordar seu papel, que possa construir a paz através de ações que sejam arrojadas em seu tempo. Medellín foi um evento que marcou um modelo eclesial transformador sem perder a identidade cristã católica. Um Papa latino que assumiu o jeito latino-americano de ser Igreja pode servir de incentivo para que possamos recordar quem somos e o que podemos fazer pelo Reino de Deus e sua justiça. Que a Igreja seja advogada dos pobres, como disse Paulo VI, que ela seja a voz dos sem voz, como afirmou Dom Oscar Romero, pois as urgências parecem continuar as mesmas e a história tem seus olhos também em nós.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. F. A. L. Arquivos do terror e stronismo: memória, história e luto. **Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro, v. 09, p. 140-163, 2016.

BETHELL, L. **Historia de América Latina**. Barcelona: Critica, v. 15, 2002.

COMBLIN, J. IHU - On Line. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, 2008. Disponivel em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1881-joseph-comblin>. Acesso em: 03 Junho 2019.

GASPARI, E. **A Ditadura Escancarada**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2002.

GASPARI, E. **A Ditadurta Envergonhada**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2002.

HEDGES, J. **Argentina:** A Modern History. New York: I.B. Tauris, 2015.

PRADO, L. C. D.; EARP, F. S. O "milagre" brasileiro: crescimento acelerado, integração nacional e concentração de renda. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. D. A. N. **O Brasil Republicano:** o tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 207-242.

SCATENA, S. A conferência de Medellín: contexto, preparação, realização, conclusões e recepção. In: BRIGHENTI, A.; PASSOS, J. D. **Compêndio das Conferências dos bispos da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2018. p. 72-73.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil:** uma biografia. 7ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VERA, M. G. "Data feliz" no Paraguai. Festejos de 3 de novembro, aniversário de Alfredo Stroessner. In: ROLLEMBERG, D.; QUADRAT, S. V. **A construção social dos regimes autoritários:** legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 393-435.